



O Facebook e a educação infantil: aproximações entre escolas e famílias

Facebook and early childhood education: approaches between schools and families

Facebook y educación en la primera infancia: enfoques entre escuelas y familias

Adilson Cristiano Habowski¹



<https://orcid.org/0000-0002-5378-7981>

Elaine Conte²



<https://orcid.org/0000-0002-0204-0757>

Resumo: O estudo tem por objetivo discutir acerca do potencial da mídia social Facebook como canal de aproximação sensível para gerar redes de interação na Educação Infantil e processos de interlocução em rede entre a escola e a família. Parte-se de uma perspectiva inclusiva das tecnologias digitais, que favorecem a participação ativa e aproximações socioeducacionais nos processos e práticas pedagógicas. Trata-se de uma pesquisa com abordagem hermenêutica, voltada para a compreensão e a interpretação de textos e discursos vigentes sobre ressonâncias da cultura digital no universo da comunicabilidade escolar. Concluímos que o reconhecimento da pluralidade pedagógica em ambiências do Facebook pode promover aproximações estético-expressivas e diálogos de reconhecimento de projetos criativos à valorização das ações pedagógicas desenvolvidas. Na verdade, precisamos ir além de uma educação controladora de aprendizagens, assistencialista ou capacitista em relação ao contato tecnológico com o mundo, trazendo implicações na educação, em termos de desigualdades e falsos empoderamentos tecnológicos das crianças, para despertar um olhar formador às novas leituras de mundos digitais e de experiências investigativas desde a Educação Infantil.

Palavras-chave: Facebook. Diálogos. Escola. Família.

Abstract: The study aims to discuss the potential of social media Facebook as a channel of sensitive approximation to generate networks of interaction in Early Childhood Education and processes of network dialogue between school and family. It is based on an inclusive perspective of digital technologies, which favor active participation and socio-educational approaches in pedagogical processes and practices. This is a research with a hermeneutic approach, focused on the understanding and interpretation of texts and discourses in force on resonances of digital culture in the universe of school communicability. We conclude that the recognition of

¹ Mestre em Educação. Doutorando em Educação da Universidade La Salle – UNILASALLE. E-mail: adilsonhabowski@hotmail.com

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle – UNILASALLE. E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br

pedagogical plurality in Facebook's ambiances can promote aesthetic-expressive approaches and dialogues of recognition of creative projects to the valorization of the pedagogical actions developed. In fact, we need to go beyond a parenteducation of learning, assistanceist or capacitive in relation to technological contact with the world, bringing implications in education, in terms of inequalities and false technological empowerments of children, to awaken a formative look to new readings of digital worlds and investigative experiences since Early Childhood Education.

Keywords: Facebook. Dialogues. School. Family.

Resumen: El estudio tiene como objetivo discutir el potencial de las redes sociales Facebook como un canal de aproximación sensible para generar redes de interacción en Educación Infantil y procesos de diálogo en red entre la escuela y la familia. Se basa en una perspectiva inclusiva de las tecnologías digitales, que favorecen la participación activa y los enfoques socioeducativos en los procesos y prácticas pedagógicas. Se trata de una investigación con un enfoque hermenéutico, centrada en la comprensión e interpretación de textos y discursos vigentes sobre resonancias de la cultura digital en el universo de la comunibilidad escolar. Concluimos que el reconocimiento de la pluralidad pedagógica en los ambientes de Facebook puede promover enfoques estético-expresivos y diálogos de reconocimiento de proyectos creativos para la valorización de las acciones pedagógicas desarrolladas. De hecho, necesitamos ir más allá de una educación paternista de aprendizaje, asistencial o capacitiva en relación con el contacto tecnológico con el mundo, aportando implicaciones en la educación, en términos de desigualdades y falsos poderes tecnológicos de los niños, para despertar una mirada formativa a las nuevas lecturas de mundos digitales y experiencias de investigación desde la Educación Infantil.

Palabras-clave: Facebook. Diálogos. Escuela. Familia.

Considerações iniciais

Ainda que a ideia do Facebook enquanto linguagem que possibilita a aproximação e a interação entre escolas de Educação Infantil e famílias possa parecer assistencialista, supérflua ou ingênua, em termos de compreensão das interações humanas com as tecnologias digitais, observamos que esta rede social pode ser um espaço de relações, investigação e de real comunicação entre famílias e escolas, reconhecendo aí uma possibilidade de compartilhamento de experiências e diálogo cultural. Além disso, é necessário analisar os impactos sociais e as potencialidades educativas das novas realidades digitais em meio aos perigos dos processos de tecnologiação, afinal de contas, são “redes que nos capturam, que nos envolvem e nos transformam. [Redes que] nos aproximam, mas também nos deixam mais distantes uns dos outros, nos levam para dimensões sedutoras, coletivas, em tons ambíguos” (FERREIRA; ROSADO; CARVALHO, 2017, p. 2).

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como norte as seguintes problematizações: de que forma podemos atribuir novos sentidos às práticas educativas via Facebook para compartilhar experiências educativas (éticas, estéticas e políticas), modificar metodologias, projetos e promover aproximações e inter-relações com as famílias? Como as escolas poderiam integrar ao contexto vital da Educação Infantil as percepções, interesses e a construção dessa mídia social, em prol da coexistência do digital no universo das relações pedagógicas com a família? Partimos do entendimento de que a relação família e escola é um componente fundamental do processo de (re)conhecimento da experiência de abertura das práticas de Educação Infantil com as famílias via Facebook, descobrindo perspectivas do livre jogo da imaginação que ampliam o ato de criar, compartilhar, ressignificar e

democratizar as práticas de escuta atenta e sensível da cultura da infância. A pesquisa de abordagem hermenêutica, voltada para a compreensão e a interpretação de textos e discursos vigentes, busca dar visibilidade às ressonâncias da cultura digital no universo da comunicabilidade escolar (entre diferentes gerações e aprendizagens sociais), mostrando caminhos de abertura pedagógica às aproximações com as famílias, com os saberes do mundo hiperconectado e com as situações de diálogo estético-expressivo em que a relação educativa pode fluir e mobilizar-se. Para Hermann (2002, p. 83), a “hermenêutica permite que a educação torne esclarecida para si mesma suas próprias bases de justificação, por meio do debate a respeito das racionalidades que atuam no fazer pedagógico. Assim, a educação pode interpretar o seu próprio modo de ser, em suas múltiplas diferenças”. A hermenêutica é uma arte de interpretar enquanto busca permanente de revisão e atualização daquilo que vemos (percepções), lemos, vivenciamos, criando uma cultura plural imersa em diferentes tradições culturais e experiências de educar-se, formar-se e aprender com os outros.

Certamente, compreender como o *Facebook* em tempos de mobilidade ubíqua pode contribuir com o desenvolvimento de canais de comunicação das práticas educativas, considerando a aprendizagem fora das paredes da sala de aula como um caminho possível no movimento de imbricamento entre o mundo virtual e atual, entre razão e sensibilidade, entre escola e comunidade (SIBILIA, 2012). Como constatam alguns pesquisadores do campo, “hoje assistimos a uma quase esquizofrenia educativa em que se naturalizou a distância entre as propostas e a realidade pedagógica experienciada por adultos e crianças” (OLIVEIRA-FORMOSINHO; KISHIMOTO; PINAZZA, 2007, p. 9). A hipótese é que tal processo dialógico expressivo pode aproximar os atores escolares, das famílias e da comunidade escolar, constituindo novos espaços para (re)conhecer e participar da vida escolar em comunidades de investigação. A defasagem em experiências motivadas pelo uso das tecnologias determina a diferença entre a marginalização ou mecanização das telas e recursos tomados de forma isolada, e a inclusão do letramento digital em “práticas sociais significativas” (WARSCHAUER, 2006, p. 64). Daí que a integração ou a inclusão das tecnologias na educação nos inquieta a rever e buscar meios para incorporar novos sentidos a elas, para além da identificação com a neutralidade, unidimensionalidade e a funcionalidade instrumental (HABOWSKI, 2019).

Para Sibilía (2012), a vida contemporânea estimula modos performáticos de ser e estar no mundo, mais aptos a agir ante o olhar do outro ou mesmo diante da lente de uma câmera, do que a se retraírem na própria interioridade. É preciso uma gestão comunicativa entre a escola, os professores e as famílias para conferir mais vitalidade educativa por meio das mídias sociais para o reconhecimento do agir pedagógico que inclui a participação do outro e da família na vida em comunidade. A comunidade escolar precisa envolver e considerar os responsáveis pelas crianças (e familiares) como parceiros na educação, pois se o distanciamento for grande, os pais se inclinam a encarar a escola como

frustrante e descolada das percepções vitais. A proposta da rede na articulação de práticas via *Facebook* como possibilidade de aproximação e atuação conjunta no campo educativo surge como um movimento de sensibilização formativa, cooperativa e de interconexões entre todos, especialmente da equipe pedagógica com as famílias das crianças. Vale destacar que a aproximação da família na educação escolar dos filhos “pode permitir a quebra de preconceitos por parte da escola em relação às famílias e uma compreensão maior por parte das mesmas do papel da escola e da sua forma de trabalhar” (FEVORINI; LOMÔNACO, 2009, p. 76).

Contudo, as maneiras convencionais de contato pelo ambiente sociocultural e diálogo dos professores com as famílias dificilmente são efetivadas, o que necessita de uma maior reflexão e aprofundamento dessa temática vinculada às práticas pedagógicas e às mídias sociais, sejam em ambiências da racionalidade dos objetos técnicos ou em espaços escolares. Nesse cenário, os chamamentos da escola, em geral, são feitos em casos graves, ou seja, quando o conflito já aconteceu. Assim, vem destas constatações a importância de integrar a rede social *Facebook* compreendida com potencial sociocultural e pedagógico de abertura para a multiplicidade de linguagens, imagens, registros fotográficos e diálogos com a realidade, cuja experiência faz brotar laços sociais, intercâmbios e oportunidades para a manifestação das diferentes aprendizagens em sua globalidade.

No tempo em que presenciamos experiências estéticas e relacionais cada vez mais desconexas em todas as esferas da vida, precisamos mobilizar ações pedagógicas de extensão de nossas possibilidades em relações com a cultura digital, nesse caso o *Facebook*. Aqui pensamos a cultura digital como possibilidade de linguagem relacional, estética e ética com as famílias e as crianças em práticas educacionais que aproximam escolas de Educação Infantil e criam novos mundos na vida em comunidades escolares. A rota educativa da cultura digital brota da própria realidade escolar e pode produzir intercomunicação, novas mensagens criadoras em diálogos da comunidade, de abertura ao universo cultural em que vivemos. No que segue, mostramos as pesquisas produzidas recentemente nesse campo de estudos.

Contextualizando as pesquisas

Nas modificações contemporâneas e nos contextos de pesquisas analisadas sobre o assunto, observamos que a família e a escola³ procuram apoiar-se reciprocamente, mas acabam se

³ A fim de conhecer a abrangência e os enfoques dos estudos sobre a relação família a escola em Portugal, destacamos os estudos de Silva (2010) que se dedica à problematização dessas relações numa perspectiva sociológica, destacando a relevância das interações, mas ao mesmo tempo dos conflitos dessas relações em decorrência das mudanças sociais a partir do final do século XX. Silva (2010) apresenta um panorama das diversas abordagens sobre a interação da família e escola. Para maiores aprofundamentos, consultar: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8812.pdf>

desencontrando sob a perspectiva das responsabilidades educacionais (DAVIS; LAMBIE, 2005). No Brasil, destacamos os estudos de Saraiva-Junges e Wagner (2016) que realizaram uma revisão sistemática de literatura sobre a relação família e escola nas pesquisas brasileiras, analisando 31 artigos científicos. Os autores investigaram as questões metodológicas e temáticas das produções, afirmando que os estudos “refletem a complexidade inerente à temática, assim como as metodologias disponíveis para aceder a ela, [reiterando] certa dificuldade de delimitação do objeto de pesquisa” (SARAIVA-JUNGES; WAGNER, 2016, p. 114). Concluem que a produção acadêmica da temática no Brasil se encontra “em momento de diagnóstico de dificuldades e constatação da necessidade de propostas de intervenção para otimização, mas ainda não se percebem avanços quanto a proposições práticas que fomentem uma parceria efetiva entre escola e famílias” (SARAIVA-JUNGES; WAGNER, 2016, p. 114).

Por sua vez, Resende e Silva (2016) realizaram uma pesquisa documental acerca da legislação educacional federal, do período 1988-2014, identificando as políticas públicas que incentivam a relação família-escola. As autoras reiteram que embora “incentivada pela legislação, a relação família-escola não é objeto de forte regulamentação estatal em nosso país, [além da] articulação entre as duas instâncias depende de iniciativas específicas, frequentemente descontínuas” (RESENDE; SILVA, 2016, p. 30). Vale salientar, contudo, que há nas legislações um enfoque maior nas relações entre família e escola nos documentos da Educação Infantil, distanciando essa preocupação de outros níveis da educação básica e diminuindo sucessivamente, talvez em virtude das próprias características e necessidades das crianças e suas famílias, que requer uma permanente relação e cuidado com a cultura da infância. Dessa forma, a compreensão atual, no âmbito dos documentos oficiais/legais e estudos teóricos da área, é de que o processo educativo das crianças na Educação Infantil precisa ser de caráter conjunto e cooperativo entre famílias e escolas.

Ainda que a relação entre família e escola não seja regulamentada estatalmente no Brasil, as articulações entre as duas instâncias têm sido incentivadas por políticas públicas (RESENDE; SILVA, 2016). A partir disso, podemos citar alguns exemplos como o *Dia 24 de abril como o Dia Nacional da Família na Escola*, instituído em 2001 pelo Ministério da Educação (MEC); a *Pesquisa Nacional Qualidade da Educação: a Escola Pública na opinião dos pais*, efetivado pelo MEC em 2005; o *Plano de Mobilização Social pela Educação*, lançado em 2008 pelo MEC, convidando a comunidade para um serviço voluntário de mobilização das famílias e da comunidade escolar para melhorar a qualidade da Educação Básica, além de outras iniciativas nos âmbitos estaduais e municipais (RESENDE; SILVA, 2016).

No art. 2º, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2013), não se encontra detalhes nas articulações entre família e escola, contudo, podemos ler - *A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o*

trabalho, reconhecendo a importância da família para a formação e desenvolvimento da criança. O Artigo 12, inciso VI, afirma que é dever das instituições de ensino *articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola*. Já na definição dos deveres dos educadores, o artigo 13 estabelece - *colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade*, na perspectiva das interações diversificadas entre as instâncias sociais voltadas à participação em eventos.

De modo semelhante, Martelli (1998, p. 288) afirma que a LDB de 1996 apresenta elementos referentes às relações da escola e do educador com a família, mas, “a grande questão [...] é como operacionalizar essa integração de papéis”. Nessa perspectiva, segundo um levantamento dos projetos e políticas de interação família e escola no Brasil, realizado pela Unesco e em parceria com o Ministério da Educação, depreendemos: “Ser pequeno o número de iniciativas (projetos, programas ou políticas) em curso no Brasil desenhadas especificamente para estimular a relação escola-família”, constatando ainda que muitas iniciativas são descontínuas e pontuais com um precário tempo de duração (CASTRO; REGATTIERI, 2010, p. 32).

No Plano Nacional de Educação, localiza-se apenas uma menção sobre as articulações da família e Educação Infantil, “visando o mútuo conhecimento de processos de educação, valores, expectativas, de tal maneira que a educação familiar e a escolar se complementem e se enriqueçam, produzindo aprendizagens coerentes, mais amplas e profundas” (BRASIL, 2001, p. 14). Contudo, a situação se agrava pois no Plano Nacional de Educação de 2014-2024, ainda que exista a Meta 2 (universalização do ensino fundamental de nove anos para a população de seis a 14 anos), há uma descrição, mas sem maiores detalhes nos modos de concretizar as relações (RESENDE; SILVA, 2016). A nota afirma o papel da escola no incentivo à participação dos pais ou responsáveis no acompanhamento das atividades escolares dos filhos por meio do estreitamento das relações entre as escolas e as famílias (BRASIL, 2014).

É no Parecer CNE/CEB, n. 20/2009, que trata sobre a revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que há um tópico intitulado *A necessária e fundamental parceria com as famílias na Educação Infantil*, com maiores detalhamentos nos modos de articulações entre as escolas e famílias (BRASIL, 2009). O documento reitera a exigência de que não há como fugir das especificidades das crianças de zero a cinco anos de idade, reforçando a importância de acolher os distintos modos da organização familiar, levando em consideração as culturas familiares para o enriquecimento pedagógico, bem como de acolher as sugestões e anseios dos pais em relação às crianças na Educação Infantil (RESENDE; SILVA, 2016).

Em relação ao Facebook e suas interfaces educacionais no Brasil, já existem várias pesquisas que incentivam os processos educacionais de motivação, apropriação, relação e compartilhamento de

informações entre professores e estudantes, visando também a integração do *Facebook* no ensino fundamental e superior (JULIANI; SOUZA; BETTIO, 2012; BONA, 2012; AGUIRRE, 2012; COUTO JUNIOR, 2013; FERREIRA; CORRÊA; TORRES, 2013; GALLANA, 2013; JACOBSEN; SPEROTTO, 2014; SOUZA, 2015; CAVASANI; mor; ANDREATTA-DA-COSTA; CASTILHOS, 2017). Apontamos ainda a obra intitulada *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* (PORTO; SANTOS, 2014), cujas temáticas estão subdivididas em duas partes. A primeira sobre o trabalho do *Facebook* e seus potenciais sociotécnicos e educacionais, espaço de subjetivação, sociabilidade e diferença; e, na segunda parte, reflexões sobre o *Facebook* e os usos no Ensino Superior e na formação permanente de professores.

No que tange especificamente aos contextos da inter-relação entre escolas, famílias e comunidade via *Facebook*, constata-se algumas iniciativas com enfoque em relatar experiências pedagógicas da linguagem encontrada na virtualidade do *Facebook* em interações da Educação Infantil com as famílias. Bernardi e Silva (2015) realizaram uma pesquisa sobre a experiência de utilização do *Facebook* como mecanismo e arquitetura de compartilhamento de atividades pedagógicas em uma escola pública de Educação Infantil. Os resultados apontam que todos os integrantes da comunidade escolar se envolveram na realização da proposta, destacando que os participantes internos da escola relataram benefícios no fluxo de informações (pedagogias de encontro estendido com as famílias), enquanto que os membros externos da comunidade escolar descrevem os benefícios em acompanhar a rotina das crianças, superando a rigidez dos encontros apenas para um retorno avaliativo.

A pesquisa de Zadminas e Vasconcellos (2015) tangencia o assunto em questão, pois trata das percepções do que os egressos do curso de Pedagogia/UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - têm a dizer nas redes sociais sobre os próprios saberes e fazeres na prática com bebês em creches e em espaços de desenvolvimento infantil. Assim, abordam o papel do *Facebook* enquanto instrumento de investigação e de formação compartilhada compatível com as necessidades das professoras, das famílias e da comunidade, apontando para a necessidade de revisão dos currículos para que reconheça as redes sociais enquanto espaço formativo e de integração. O trabalho de Duciak (2015) averigua as interações através do *Facebook* (curtir, compartilhar e comentar) e analisa os propósitos educacionais relacionados ao uso do *Facebook* de uma instituição pública de Educação Infantil, do município de Sapucaia do Sul/RS. Conclui que a instituição pode aprimorar a participação via *Facebook*, tendo em vista que os propósitos educacionais de troca de experiências entre familiares e professores ou aprimoramentos profissionais da equipe estão entre os menos postados e com menor interação e reconhecimento dessas possibilidades.

Apreendemos da proposta de Trindade (2015) com intencionalidade pedagógica, a partir de um estudo de caso com seis (6) equipes diretivas das Escolas Municipais de Educação Infantil, do Município de Porto Alegre/RS, que usam o *Facebook* e trazem encaminhamentos positivos ao dar

visibilidade digital para as atividades realizadas. A prática de pesquisa concluiu que as postagens no *Facebook* forneceram a oportunidade de aumentar a compreensão e o acesso da comunidade escolar às atividades desenvolvidas com as crianças, bem como viabilizou a troca de experiências entre as escolas de Educação Infantil pelos exemplos de trabalhos expostos, fomentando de forma mais efetiva e promissora as práticas pedagógicas pela reflexão das ações, capacidade criativa e disponibilidade para a execução de novos planejamentos inspirados em boas práticas. Por fim, destacamos o estudo de Steyer (2015) que analisou as contribuições do grupo *Turminha Legal* no *Facebook* para estreitar as relações entre famílias e a Educação Infantil, em torno dos conteúdos escolares da matemática, corroborando para a necessidade de estabelecer relações entre as informações e produzir conhecimentos mediados pelo professor. A pesquisa aponta que as relações da Educação Infantil e as famílias precisam ser vistas numa perspectiva de colaboração e parceria, pois quanto mais a escola dialoga com as famílias mais significativos serão os processos de aprendizagem e de desenvolvimento global da criança.

A despeito de variações que possam ocorrer nas diferentes instituições e pesquisas acima elencadas, há em geral, entre professores, crianças e famílias nas escolas uma sub-representação por vários fatores, especialmente por razões econômicas, ou seja, pais ou responsáveis sobrecarregados de trabalho na sociedade do cansaço que não conseguem estabelecer um tempo para o diálogo e encontro presencial com os professores nas escolas de Educação Infantil.

Formando redes de inspiração conjunta e criação pedagógica via *Facebook*

Embora reconheçamos que os artefatos digitais nem sempre mudam as coisas para melhor na educação, vivenciamos um mundo ampliado de experiências humanas com as linguagens tecnológicas que demandam ensaios pedagógicos para os momentos de inspiração e de (re)construção criadora com os outros. Tudo muda na educação, a começar pelas próprias crianças, com os impactos da sociedade em rede, na interdependência com os fenômenos socioeducacionais, o que tem provocado mudanças de hábitos pedagógicos, de culturas e de relações com o universo do digital. *A sociedade em rede* confere sentido e valor à tecnologia de acordo com as necessidades e interesses dos sujeitos, das relações socioeconômicas estabelecidas nas formas de trabalho e lazer (CASTELLS, 1999). Para França (2002, p. 59), a palavra rede “refere-se a um entrelaçamento de linhas, a um conjunto de nós interconectados, [e assim, a] comunicação em rede, sociedade em rede são expressões para significar a interconexão de elementos, processos, sentidos que marcam as relações comunicativas e a construção da vida social”.

Com as redes sociais, as relações intersubjetivas passaram por modificações, gerando novos modos de comunicar, transformando o sujeito contemporâneo nos seus tempos, culturas, pois

desbravam as fronteiras do conhecimento humano. A internet, uma plataforma de comunicação constituída nas redes de computadores no mundo, possibilita a aproximação de todos com esse mundo sem limites (CASTELLS, 2003). A internet movimenta a sociedade e alimenta a intercomunicação, já que o mundo é constituído de conexões, surgindo agora o desafio de construir uma rede cooperativa e descentrada que esteja aberta às múltiplas linguagens e às diferenças culturais enquanto possibilidade de aprender com a multiculturalidade. Com a internet, o *Facebook* tem esse potencial de renovar as práticas sociais, no sentido de ser um espaço aberto e intercomunicante para manifestar opiniões, encontrar amigos, interligar interesses e relações entre pessoas, que de outro modo poderiam não se estabelecer, em espaços presenciais. Como rastreadoras dos deslocamentos digitais, das relações pedagógicas e dos movimentos de poder que navegam por aberturas dos modos de (inter)subjetivação, via *Facebook*, verificamos acontecimentos que interferem em fatos educacionais, dados históricos e práticas pedagógicas. Tais relações e movimentos que são materializados surgem em uma espécie de existir atual, na potência de um acontecimento que não se esgota no incorporal e virtual.

O contexto social e a dinâmica tecnológica correspondem a uma tomada de posição e responsabilidade na utilização das redes de comunicação global, cabível às pessoas para filtrar, (re)interpretar e usar conforme suas próprias necessidades as tecnologias digitais (CASTELLS, 2003). Para Castells (1999), o que se pode destacar na sociedade em rede é que as pessoas têm mais liberdade de fazer escolhas, o que não acontecia em meios como a TV e o rádio, pois os conteúdos já eram programados de acordo com os interesses dos telespectadores. Então, os sujeitos passaram a interagir, trocar ideias, discordar, participar do processo de produção da informação. A interação humana em meios tecnológicos tem progredido em termos de comunicação planetária pela interação na sociedade hipercomplexa.

Lévy (1993) denomina o processo de *meta mundo virtual*, vinculando a diversão, comunicação e o sujeito nas redes, funcionando enquanto espaço de mensagens dinâmicas, sensíveis e acessíveis, com uma retroalimentação coletiva e em tempo real. Soma-se a isso, a característica de ser um espaço potencializador de reconhecimento e de práticas sociais. Castells (2003, p. 67) define as tecnologias pelo fluxo e troca de informação, capital e comunicação cultural enquanto “conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação e telecomunicações”. As tecnologias digitais não são a criação da interatividade propriamente dita, mas um processo de retroalimentação social que favorece experiências exploratórias no campo educativo. Sem a presença e interação com os outros atores não existe educação e nem formação interconectada que retroalimente as redes de relações sociais (RECUERO, 2009).

O *Facebook* como uma forma de linguagem aberta entre as escolas, as famílias e as crianças na Educação Infantil é uma ambiência dinâmica de compartilhamento e reconhecimento das aprendizagens,

num contexto mais interativo e participativo, servindo como um potente sistema de gestão comunicacional de aprendizagens sociais. A simples visualização de um conteúdo numa página do *Facebook*, por exemplo, mesmo sem curtir, já amplia as possibilidades de intercomunicação e aponta uma tendência de (re)conhecer o outro, o diferente, o estranho, a novidade no mundo pedagógico, para além dos intramuros escolares.

Se olharmos o ensino público, os alunos parecem muito despreparados em literacia e inclusão digital. As crianças não têm receios em avariar o dispositivo e, por isso, elas mexem com rapidez e aparente destreza, no entanto, ignoram o básico das máquinas em que interagem. Este é um comportamento que emerge da natureza da tecnologia do dispositivo e que parece natural para os nascidos na era digital, mas que difere das metodologias de aprendizagem das gerações anteriores. Portanto, temos aqui uma das lacunas importantes: problemas de mediação (SANTAELLA, 2021, p. 67-68).

As aproximações das tecnologias digitais e de suas potencialidades ao aprender com elas estão lançando desafios à construção de questionamentos e reflexões aprofundadas de dimensões socioculturais. Pretto (2012) diz que as políticas da educação devem encaminhar ações rumo à conexão social com o outro, promovendo a implementação de *softwares* livres e abertos, em sintonia com as conexões de banda larga. Assim, o *Facebook* necessita ser explorado em processos formativos diversos para ampliar a participação de todos na produção cultural e compartilhamento de conhecimentos, bem como para reforçar os vínculos autorais e abertos nos processos formativos dos sujeitos. Portanto, o aspecto colaborativo, participativo e de solidariedade no processo de tessitura do conhecimento pedagógico baseado na (re)criação e no compartilhamento de realidades e contextos acentua os movimentos emergentes de abertura e liberdade voltados à cidadania participativa. Todo sujeito é capaz de aprender e de se inserir nos agrupamentos flexíveis do convívio social e tecnológico, visto que “a cibercultura se constitui como uma cibernacionalidade. [...] uma estética social alimentada pelo que poderíamos chamar de tecnologias do ciberespaço” (LEMOS, 2008, p. 95). O acesso às redes sociais precisa ser um direito e uma alternativa para superar os abismos incomunicáveis da Educação Infantil e seus saberes, no sentido de aproximar e reconhecer a diversidade linguística, criativa e aprendente do diálogo intercultural.

O reconhecimento do outro, em termos de reconstrução cooperativa, torna-se “um processo de ampliação da circulação social que produz a aproximação dos seus diversos protagonistas, convocando-os à construção cotidiana de uma sociedade que ofereça oportunidades variadas a todos os seus cidadãos e possibilidades criativas a todas as suas diferenças” (PAULON; FREITAS; PINHO, 2005, p. 45). As pequenas provocações e os movimentos relacionais entre as pessoas ganham um sentido de reconhecimento, em termos de problematização vital e questionamento educativo, experimentando um potencial de engajamento aberto e interconectado de relações em rede. As

tecnologias viabilizam oportunidades de reconhecimento recíproco, ampliando o potencial de luta política para a transformação crítico-emancipatória das práticas culturais e sociais. Nesse processo, é preciso transcender as informações para um processo humanizado de comunidades de investigação e de partilha de conhecimentos, experiências em que pese o reconhecimento profissional e social.

Talvez seja o momento de repensar e reaprender as ambiências digitais como espaços de abertura ao outro e possibilidade de (re)criação e pesquisa cooperativa na interdependência humano-computador. Conforme Lévy (1993, p. 21), “a circulação de informações é, muitas vezes, apenas um pretexto para a confirmação recíproca do estado de uma relação”, que colocará em questão as intencionalidades, os interesses, transformando os sentidos e contextos. Daí esse conhecimento replanejado na forma de uma aprendizagem social em ambiências digitais pode indicar caminhos para um processo de ressignificação das tecnologias e das condições de acesso às experiências de aprofundamento dos círculos de recontextualização nesse cenário virtual, integrando a leitura pedagógico-crítica ao poder da comunicação.

O *Facebook* é um sistema atrativo, divertido, mas também dispersivo marcado por interações cada vez mais ampliadas e sempre atuais do mundo das sociedades contemporâneas. Partindo do entendimento de rede como um conjunto de nós interconectados que são tecidos com pessoas, instituições ou grupos, as redes sociais podem ser potencializadoras do pensar coletivo no ciberespaço (CASTELLS, 2003). “A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet” (CASTELLS, 2003, p. 7). A afirmação do autor revela que as tecnologias dependem da capacidade humana de pensar e agir para colocar em movimento as informações e saberes, criando novas formas de sociabilidade e organizações virtuais.

Se estamos em plena digitalização da vida e dos recursos virtuais, então, por que não investir nessa mídia social como canal de aproximação e comunicação capaz de legitimar e validar o trabalho pedagógico desenvolvido na Educação Infantil? Ao nos debruçarmos sobre a realidade escolar, é comum ver que, muitas vezes, as famílias pouco frequentam a escola, apenas deixam os seus filhos na porta da escola, não reconhecem a turma de seu filho e, inclusive, desconhecem o professor que acompanha e estimula os processos de educativos da turma. O trabalho pedagógico em meio a tantos canais de comunicação parece desconhecido ou ignorado junto com todas aquelas capacidades e competências que as crianças aprimoram no processo de aprender, que passa por ações teórico-práticas, formas de reconhecimento, respeito pelas diferenças e permeia o próprio sentimento psicossocial e psicoafetivo de indeterminação que experimentamos ao longo da vida⁴.

⁴ O documentário *O começo da vida* (2016) retrata a relevância dos primeiros mil dias de um recém-nascido, retratados em diversos países, e que são fundamentais para o desenvolvimento saudável da criança, tanto na

[...] a modernidade caracteriza-se por oferecer um ambiente social em que o indivíduo encontra condições de forjar um sistema de referências que mescla as influências familiar, escolar e midiáticas (entre outras), um sistema de esquemas coerente, no entanto híbrido e fragmentado. Nesse sentido, a particularidade dessa socialização deriva não só da relação de interdependência entre as duas instâncias tradicionais da educação, mas da relação de interdependência entre elas e a mídia (SETTON, 2002, p. 107).

Trata-se de uma possibilidade de abrir as salas de aula com respeito e segurança para um trabalho cooperativo e articulado com a gestão escolar, que é desenvolvido com responsabilidade e dedicação diariamente, sejam em momentos de rotina, de convivência, de festas ou em momentos de atividades propostas. Pode-se dizer que a criação de canais de comunicação via *Facebook* traz uma motivação a mais para o cotidiano escolar, uma vez que esse ambiente pode despertar a paixão de conhecer o mundo pedagógico. Trata-se também de uma possibilidade de aproximação e velocidade de resposta que essas mídias fornecem, dispensando o uso de agendas escolares endereçadas às famílias. Essa dinâmica tanto pode chamar a atenção de quem acessa quanto estimular a construir novos conhecimentos e investigações, a partir do próprio interesse dos sujeitos na situação familiar em diálogo social. Contudo, para dar certo é preciso que todos do grupo escolar se sintam envolvidos e partícipes do processo. Sem dúvida, as fotos registradas dos projetos desenvolvidos pelas escolas, as atividades específicas, as festas e acontecimentos precisam ser identificadas e devidamente autorizadas pelos responsáveis das crianças. Evidentemente, de forma alguma podem ser feitas postagens desrespeitosas ou de cunho sexual, assim como incutir preconceitos, conteúdos políticos ou abusivos, já que a proposta educativa de um perfil da escola via *Facebook* é público, sendo permitido aos pais se manifestar e opinar. No momento em que toda a comunidade escolar se une e percebe a importância da divulgação e democratização dos trabalhos pedagógicos, o que é desenvolvido se torna mais significativo às famílias e à comunidade escolar.

As informações na página do *Facebook* podem aparecer de acordo com o grau de interesse e importância ao desenvolvimento das crianças, por meio de imagens, vídeos, textos, páginas educativas, *links*, de maneira que fique compreensível aos leitores que visitam a página da escola. Dessa forma, é possível abordar diferentes áreas relacionadas ao ganho de autonomia e crescimento das crianças, como nutrição, psicomotricidade, desenvolvimento motor, desenvolvimento físico, estágios de desenvolvimento (PIAGET, 2007), entre outros assuntos relevantes, para os contextos e estudos tanto

infância quanto na vida adulta, demonstrando como os primeiros anos de vida são decisivos para toda a vida. Disponível em: <http://goo.gl/Ss64Yx>. Recentemente foi lançado *O Começo da Vida 2 - Lá Fora* (2020), que apresenta o estado de reinvenção da criança com a natureza em suas conexões genuínas com os seres vivos, que podem revolucionar as formas singulares de ver o mundo desde a infância. Evidências científicas apontam que a falta de contato com a natureza inviabiliza espaços propícios à aprendizagem e podem gerar problemas físicos e mentais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9yNv6U02WIM> Acesso em: 26 jan. 2021.

dos professores quanto dos responsáveis legais. Dessa forma, a rede social acionada pode aproximar e apoiar o desenvolvimento da vida escolar, oferecendo conteúdos de interesse comum a todos os que fazem parte da comunidade escolar. Para Piaget (2007, p. 50), “uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos”. Esta aproximação da “escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades” (PIAGET, 2007, p. 50).

É possível afirmar então que “se toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem, senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos” (PIAGET, 2007, p. 50). No momento em que o responsável toma conhecimento, se apropria e compreende o significado da proposta escolar, torna-se partícipe e colaborador no desenvolvimento das crianças rumo ao fortalecimento dos projetos educacionais. O mesmo serve aos profissionais envolvidos e reconhecidos nesse trabalho que se animam e retroalimentam a educação cognitiva, social e emocional. Através do diálogo, do incentivo, da demonstração do que seria feito a cada proposta os portões da escola vão se abrindo para as aproximações com a família.

Perrenoud (2001, p. 37, grifos do autor) afirma que “de uma maneira ou de outra, onipresente ou discreta, agradável ou ameaçadora, a escola faz parte da vida cotidiana de cada família”. Na medida em que os pais e responsáveis se aproximam, participam e reconhecem o trabalho feito dentro da escola pelo *Facebook*, mostrando respeito e sensibilidade ao trabalho desenvolvido com os seus filhos e filhas, o trabalho do profissional da educação vai se tornando mais leve, prazeroso reconhecido, cujas expectativas e anseios correspondem a uma sensibilização para o conhecimento coletivo da realidade escolar. Heidrich (2009, p. 25), entende que “a escola foi criada para servir à sociedade. Por isso, ela tem a obrigação de prestar contas do seu trabalho, explicar o que faz e como conduz a aprendizagem das crianças e criar mecanismos para que a família acompanhe a vida escolar dos filhos”. A escola “é a instituição responsável pela educação formal da criança. Sendo assim, a formação integral do indivíduo é de finalidade da escola e da família, tendo como objetivo primeiro tornar os indivíduos cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade” (HEIDRICH, 2009, p. 25).

Essa apresentação sensível via *Facebook* precisa produzir algum tipo de impacto, que vá além de meras impressões psicológicas porque se referem à condição humana – interligadas e relacionadas a toda humanidade e que possuem um sentido cognitivo. Sabemos que nada funciona na escola sem responsabilidade e vínculo, por isso, só reconhecemos algo quando nos sentimos partícipes, assim como apenas nos mobilizamos e melhoramos um espaço quando temos acesso ou conhecimento dele.

Tudo aquilo que não nos faz sentido, dificilmente fará parte de nossas preocupações, prioridades e projetos. O ambiente escolar é um campo de possibilidades para desenvolver um trabalho de integração cultural, sem a omissão de suas propostas ou a tentativa de afastar a comunidade e a família da escola, ou ainda esconder o trabalho diário desenvolvido em conjunto com as crianças.

Entendemos que o envolvimento da família na escola é de grande importância e influência para o desenvolvimento das crianças, tanto nas questões de ensino e de aprendizagem quanto nas construções das relações socioafetivas. Num tempo em que a família se envolve no processo educacional, as crianças se sentem confiantes para a tomada de decisões, tendo um maior interesse pelas atividades escolares. Quanto maior for o elo construído entre escola e a família, mais relevantes e significativos serão os resultados das aprendizagens coletivas, até porque a família e a escola possuem funções complementares. Parolin (2010, p. 36) afirma que “a qualidade do relacionamento que a família e a escola construirão serão determinantes para o bom andamento do processo de aprender e de ensinar do estudante e o seu bem viver em ambas as instituições”. Para Amante e Faria (2014, p. 262), é importante a participação da família na vida escolar das crianças mesmo em questões tecnológicas, pois, “é sempre desejável a participação das famílias na vida escolar dos filhos. No que diz respeito às tecnologias importa que sua integração não desmereça também a importância desta ligação já que ela é relevante em vários níveis”.

A formação de vínculos requer um compromisso coletivo que passa pelo direto a uma educação de qualidade que transpassa a escola, a família e a tradição cultural. A presença da família nos processos escolares pode ser promovida por meio do estímulo às práticas participativas, nas sugestões e na retroalimentação das ações pedagógicas, viabilizando ocasiões para que família se insira nas atividades experienciadas, seja presencialmente ou em ambiências virtuais como a do *Facebook*.

No Reino Unido, Lewin e Luckin (2010) analisaram a execução de dois projetos visando entender a complexidade do envolvimento das tecnologias digitais para aproximar a família da escola à melhoria da aprendizagem das crianças. Nestes estudos concluíram que “quando introduzida, apoiada e usada adequadamente, a tecnologia pode melhorar as relações entre casa e escola, preenchendo as lacunas entre pais, professores e alunos” (LEWIN; LUCKIN, 2010, p. 756). Mas, alertam para o fato de que a conectividade por si só não é suficiente para o envolvimento dos pais, sendo necessário uma sensibilidade da equipe escolar para primeiro compreender “o que os pais realmente precisam, a fim de ajudá-los a se envolver” (LEWIN; LUCKIN, 2010, p. 757). Em Portugal, Tréz, Moreira e Vieira (2012, p. 1263) realizaram uma pesquisa em três escolas de ensino básico que envolviam crianças, famílias e professores, evidenciando “a importância do papel desempenhado pelas crianças na comunicação digital casa-escola”. Acrescentaram, ainda, que é necessário que todos valorizem e motivem as crianças

que têm papel central como produtores de conhecimentos nessa relação comunicativa entre a família, a escola e a comunidade.

Na pesquisa de Rogers e Wright (2008), realizada nos Estados Unidos sobre a importância das tecnologias digitais para a intensificação da comunicação entre a escola, os professores e as famílias constataram que a comunicação é primordial para a formação de relações de credibilidade entre escola, família e comunidade. Sobretudo, quando os estudantes são crianças e adolescentes, pois possibilita a cooperação da família na vida escolar. Entretanto, Rogers e Wright (2008, p. 49) constataam que muitas famílias ainda dependem das maneiras tradicionais de comunicação, como telefones fixos e pareceres impressos, “o que revela que os professores e pais não estão aproveitando a conveniência e a rapidez da comunicação possível através do uso de meios eletrônicos, como e-mail e websites”. Dessa forma, Rogers e Wright (2008) sugerem que a gestão da educação comece aos poucos e com o incentivo das redes nessa comunicação entre os professores e as famílias.

Para Paiva (2004), as pessoas passam a colaborar quando se sentem motivadas por um projeto social que seja útil e os torne melhores, fortalecendo os laços formativos entre os sujeitos e fazendo com que se sensibilizem para o conhecimento, perdendo assim os medos de escrever, criar e compartilhar. A escola precisa ser um ambiente de troca de experiências e socialização dos saberes construídos com as crianças, por isso precisa responder às necessidades de um tempo onde as famílias estão sobrecarregadas no mundo do trabalho e essa relação vinculante com a escola acaba ficando dispersa. A escola não pode se excluir ou permanecer à margem dessas transformações e necessidades sociais, abrindo mão de sua função social de criar caminhos para uma formação humana global, enfrentando um mundo da vida cada vez mais desorientado, alienado e descontextualizado. As pesquisas no ambiente escolar são de extrema relevância, visto que brotam de relações e necessidades que envolvem crianças, professores e mundos, que influenciam no processo de construção de novos saberes.

Evidente que cada instituição de ensino possui suas diretrizes, mas, de maneira geral, os professores elaboram seus planejamentos de aula e entregam à coordenação pedagógica da escola. Esses planejamentos ficam arquivados, visto que, as famílias não vão até a escola para conhecê-los e não convivem com a dinâmica escolar em sua complexidade. Por isso, a importância desse contato via *Facebook* com a família, que pode gerar também receios nos professores ao exporem numa plataforma virtual os trabalhos realizados, ficando vulneráveis e sujeitos a erros e críticas (PAIVA, 2004). Mas é somente conhecendo essa questão que poderemos viabilizar a construção de trabalhos coletivos, incorporando sugestões e estímulos para melhorar o planejamento e o contínuo aprimoramento das ações pedagógicas.

Perrenoud (2001, p. 30) defende que “família e escola são duas instituições condenadas a cooperar numa sociedade escolarizada”, ressaltando a importância da cooperação na formação cultural e escolarização das crianças. Alves et al. (2013), por sua vez, afirma que o diálogo entre a família e a escola desempenha um papel abrangente no desempenho escolar das crianças, resultando em ganhos cognitivos, pois as informações sensibilizadas e disponibilizadas pelo professor podem mobilizar novos diálogos aprendentes. Sob o ponto de vista de Polonia e Dessen (2005, p. 307), “é tarefa da família criar um ambiente propício para a aprendizagem escolar, incluindo acompanhamento sistemático e orientações contínuas em relação aos hábitos de estudos e às tarefas escolares”. Para tanto, as informações oriundas das famílias podem contribuir para as práticas pedagógicas, pois, “um diagnóstico baseado em suposições e não em evidências sobre os fatores que estão interferindo nos problemas de aprendizagem pode gerar intervenções pedagógicas pouco eficazes” (CASTRO; RAGATTIERI, 2010, p. 7). Tudo isso requer a abertura comunicativa e relacional entre professores e famílias constantemente renovada. “A possibilidade de efeitos no desempenho dos alunos por esta via é tão forte que a busca de uma maior integração escola-família deve ser parte do projeto da escola” (SOARES; COLLARES, 2006, p. 637).

Transmitir informações, supostamente simples, como a data das principais atividades das crianças, por exemplo, pode contribuir e apoiar as crianças e as famílias rumo a novas aprendizagens coletivas, reconhecendo assim os significados e sentidos do que é abordado em aula, de forma a reinterpretar ou recontextualizar os estudos em casa. O *Facebook* pode articular publicamente os vários agentes sociais que têm interesse no que acontece em sala de aula, sobretudo, as famílias e os profissionais da educação que integram novas abordagens sobre a aprendizagem na vida em sociedade.

As escolas podem construir essa página interativa por meio da realização de vídeos e do enriquecimento constante com informações e notas de campo em tempo real, constituindo-se numa interface simples, atraente, leve e eficiente de contato virtual diário em benefício da educação. Cabe notar que as famílias podem ter acesso à escola a partir desses dispositivos eletrônicos. Tudo isso demonstra que outras formas de comunicação podem ser mobilizadas em conjunto com as tradicionais de interação humana das escolas com as famílias, para que ocorra uma espécie de vitalidade comunicativa e a criação de vínculos formativos.

Considerações finais

A reflexão sobre as relações possíveis entre escolas e famílias mediatizadas pela rede social do *Facebook* permite recontextualizar os conhecimentos vividos, por ser um espaço atraente de partilha, conversação e debates públicos, que pode acontecer de maneira assíncrona (comunicação não simultânea) ou síncrona (tempo real). A mídia social gera reinvenções do que é construído dentro da

escola, por meio de fotos, textos, mensagens e vídeos de atividades mais abertas, relacionais e vivas com a comunidade em geral, diminuindo a visão burocrática tanto das telas quanto das propostas de Educação Infantil. É somente reconhecendo e promovendo esses canais de comunicação de forma educativa e formativa, que poderemos superar a visão ingênua e reprogramada das tecnologias, muitas vezes, reproduzidas sem pensar. A tradição de uma educação revolucionária acontece por meio de uma organização coletiva e horizontal, ou seja, por relações cooperativas em que todos os membros são participantes ativos, visando a partilha de experiências e o crescimento solidário, intersubjetivamente válido e útil. As possibilidades mediadas pelo *Facebook* podem ajudar na educação e na aprendizagem por meio do contato entre sujeitos de diferentes níveis sociais e culturas familiares.

A criação de uma página da escola no *Facebook* com intencionalidade pedagógica ou intuitos educacionais pode ser um pretexto para o desenvolvimento de múltiplas competências associadas à pesquisa e à produção de textos, imagens e discursos associados a projetos de criação coletiva em contextos formais e não formais de ensino. Assim, as mídias sociais podem ser incorporadas na escola como apoio à comunicação entre os profissionais da escola, pais, crianças e membros da comunidade. Evidenciamos que o *Facebook* como uma forma de linguagem na área da educação cria um fluxo renovado de experiências e parcerias formativas justificadas na observação, na escuta e na negociação pedagógica, dando subsídios para a realização de atividades colaborativas e diferenciadas, cujas produções permitem enfrentar os problemas da realidade relacionados à gestão pedagógica e à reconstrução do conhecimento em comunidades de investigação. É um campo propício para o reconhecimento da práxis pedagógica e o combate à alienação insistente da indústria cultural, desenvolvendo novas bases para um fazer-pensar pedagógico que foge à fatalidade e se torna parte constituinte de um projeto escolar democratizado e humanizado, de contato com as famílias em prol da melhoria do diálogo oferecido às crianças. Apesar da carência na efetivação de políticas públicas que reconheçam o trabalho do professor nas escolas, percebemos que com esse canal de comunicação estabelecemos um reconhecido processo de mediação dos agentes educacionais, contribuindo para a construção de uma educação aliada ao virtual, para que seja cada vez mais enriquecida e auspiciosa à formação evolutiva e à (re)criação da tradição cultural.

Referências

- AGUIRRE, K. M. B. **O uso do facebook no ensino da matemática**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- ALVES, M. T. G. et al. Fatores familiares e desempenho escolar: uma abordagem multidimensional. **Revista Dados**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 3, p. 571-603, 2013.

- AMANTE, L.; FARIA, Á. Escola e tecnologia digitais na infância. In: TORRES, P. L. (Org.). **Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento**. Curitiba: Coleção Agrinho, 2014.
- ANDREATTA-DA-COSTA, L.; CASTILHOS, A. C. Contribuições do facebook para a alfabetização matemática no 3º ano do ensino fundamental. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 5, p. 274-300, ago. 2017.
- BERNARDI, P. M.; SILVA, S. A. O uso do facebook como ferramenta para o compartilhamento de atividades pedagógicas: uma experiência em uma escola pública de educação infantil. **AtoZ**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 108-112, 2015.
- BONA, M. F. de. **Redes Sociais: o uso do facebook em favor da aprendizagem**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 8. ed. Brasília, DF: Edições Câmara, 2013.
- BRASIL. Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 10 jan. 2001.
- BRASIL. Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Brasília, DF, 26 jun. 2014.
- BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 20/2009, de 11 novembro de 2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 9 dez. 2009.
- CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 1 v.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTRO, J. M.; REGATTIERI, M. (Orgs.). **Interação escola-família: subsídios para práticas escolares**. Brasília: Unesco/MEC, 2010.
- CAVASANI, T. B.; ANDRADE, J. J. de. Você tem face? Perspectivas discentes e implicações do (não) uso do facebook no ensino superior. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 227-247, abr. 2016.
- COUTO JUNIOR, D. R. **Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no facebook**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.
- DAVIS, K. M.; LAMBIE, G. W. Family engagement: A collaborative, systemic approach for middle school counselors. **Professional School Counseling**, v. 9, p. 144-151, 2005.
- DUCIAK, C. G. S. **O uso do facebook na escola de educação infantil: estudo de caso em uma instituição do município de Sapucaia do Sul/RS**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

- FERREIRA, G. M. dos S.; ROSADO, L. A. da S.; CARVALHO, J. de S. (Orgs.). **Educação e Tecnologia: abordagens críticas**. Rio de Janeiro: SESES, 2017.
- FERREIRA, J. L.; CORRÊA, B. R. P. G.; TORRES, P. L. O uso pedagógico da rede social facebook. **Redes Sociais e Educação: desafios contemporâneos**. 2013.
- FEVORINI, L. B.; LOMÔNACO, J. F. B. O envolvimento da família na educação escolar dos filhos: um estudo exploratório com pais das camadas médias. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v.1, n.28, p. 73-89, mar. 2009.
- FRANÇA, V. R. V. Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da comunicação. In: PRADO, A. (Org.). **Crítica das práticas midiáticas**. São Paulo: Hacker Ed, 2002.
- GALLANA, L. M. R. **Facebook: um espaço de colaboração para a troca de experiências com uso de tecnologias em sala de aula**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- HABOWSKI, A. C. **Teoria crítica da tecnologia e educação: desafios contemporâneos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2019.
- HEIDRICH, G. A escola da família. **Revista Nova Escola**. Guia do Ensino Fundamental de 9 anos. São Paulo, n. 225, p. 25, 2009.
- HERMANN, N. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.
- JACOBSEN, D. R.; SPEROTTO, R. I. O facebook como um ambiente de aprendizagem colaborativa para o ensino da matemática. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, 2014, Lisboa. **Anais [...]** Lisboa: TicEDUCA, 2014.
- JULIANI, J. P.; SOUZA, J. A.; BETTIO, R. W. Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior. **Revista novas tecnologias na educação CINTED-UFRGS**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.1-11, dez. 2012.
- LEMONS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LEWIN, C.; LUCKIN, R. Technology to support parental engagement in elementary education: lessons learned from the uk. **Computers & Education**, v. 54, n.3, p.749-758, 2010.
- MARTELLI, A. F. Relações da escola com a comunidade. In: MENESES, J. G. C. et al. (Orgs.). **Estrutura e funcionamento da educação básica: leituras**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. (Orgs.). **Pedagogias(s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- PAIVA, J. et al. **Experiências tic na escola: obstáculos à mudança**. Coimbra: Universidade de Coimbra. Centro de Física Computacional SPF- Softciências, 2004.

- PAULON, S. M.; FREITAS, L. B. de L.; PINHO, G. S. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.
- PAROLIN, I. C. H. **Pais e educadores: quem tem tempo de educar?** Porto Alegre: Mediação, 2010.
- PERRENOUD, P. Entre a família e a escola, a criança mensageira e mensagem: o go-between. In: MONTANDON, C.; PERRENOUD, P. **Entre pais e professores, um diálogo impossível?** Oeiras: Celta, 2001.
- PIAGET, J. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.
- POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A. Em Busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, Brasília, v. 9, n. 2, p.303-312, 2005.
- PORTO, C.; SANTOS, E. **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.
- PRETTO, N. de L. Professores-autores em rede. In: SANTANA, B.; ROSSINI, C.; PRETTO, N. de L. (Orgs.). **Recursos educacionais abertos: práticas colaborativas políticas públicas**. Salvador: Edufba, 2012.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RESENDE, T. F.; SILVA, G. F. A relação família-escola na legislação educacional brasileira (1988-2014). **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 90, p. 30-58, jan./mar. 2016.
- ROGERS, R; WRIGHT, V. Assessing technology's role in communication between parents and middle schools. **Electronic Journal for the Integration of Technology in Education**, v. 7, p. 36–58, out. 2008.
- SANTAELLA, L. Cultura digital. In: RODRIGUES, O. S. (Org.). **Coleção Interloquções**. Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), 2021.
- SARAIVA-JUNGES, L. A.; WAGNER, A. Os estudos sobre a relação família-escola no Brasil: uma revisão sistemática. **Educação**, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. s114-s124, 31 dez. 2016.
- SETTON, M. G. J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, jan./jun. 2002.
- SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SILVA, P. Análise sociológica da relação escola-família: um roteiro sobre o caso português. **Sociologia - Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**, v. 20, p. 443-64, 2010.
- SOARES, J. F.; COLLARES, A. C. M. Recursos familiares e o desempenho cognitivo dos alunos do ensino básico brasileiro. **Revista Dados**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 3, p. 615-481, 2006.
- SOUZA, A. A. N. **O facebook como ambiente de aprendizagem: uma análise da práxis presencial mediada pelo conectivismo pedagógico**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

STEYER, S. C. **As tic na educação infantil:** contribuições do facebook para a aprendizagem e para a integração família e escola. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação Especialidade em Tecnologia Educativa) - Universidade do Minho, Portugal, 2015.

TRÉZ, T.; MOREIRA, A.; VIEIRA, R. M. As tic na promoção do envolvimento familiar em contexto socioeconômico desfavorecido. In: II CONGRESSO INTERNACIONAL TIC E EDUCAÇÃO, 2012, Lisboa. **Anais [...]** Lisboa: 2012.

TRINDADE, E. S. C. **A utilização do facebook como mídia social por escolas de educação infantil do município de Porto Alegre.** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

WARSCHAUER, M. **Tecnologia e inclusão social:** a exclusão digital em debate. São Paulo: Editora Senac, 2006.

ZADMINAS, M. R.; VASCONCELLOS, V. M. R. Facebook: espaço de investigação e educação infantil. **Internet Latent Corpus Journal**, Portugal, v. 5, n. 1, p. 27-38, 2015.

Recebido em: 05 de fevereiro de 2021.

Versão corrigida recebida em: 17 de abril de 2022.

Aceito em: 09 de maio de 2022.

Publicado online em: 16 de setembro de 2022.

